

Merleau-Ponty e Clarice Lispector: no princípio era o gesto

BRUNA BARBOSA RETAMEIRO¹

Resumo: Neste ensaio temos como objetivo principal apresentar a noção de gesto, como o algo que antecede a palavra escrita e a palavra falada, e que pode ser entendido como uma expressão genuína, fonte de uma linguagem criadora, a partir da perspectiva filosófica de Merleau-Ponty. Para isso, usaremos como referências bibliográficas as obras *Fenomenologia da percepção* e *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*. Para fazer um contraponto, faremos uma breve descrição da visão de Santo Agostinho, sobre a questão da linguagem, a partir da obra *De Magistro*. Em paralelo com a perspectiva de Merleau-Ponty, traremos alguns trechos da obra *Água viva*, da escritora Clarice Lispector, que também trazem à tona a temática em questão. Para que possamos chegar ao objetivo principal, faz-se necessário trazer à tona alguns conceitos básicos para o filósofo como as noções de corpo fenomenal, mundo perceptivo, gesto e expressão.

Palavras-chave: Corpo. Linguagem. Expressão. Fenomenologia.

“Quero como poder pegar com a mão a palavra”

Introdução

Merleau-Ponty propõe um conceito de linguagem que se difere das abordagens tradicionais existentes até então que, de modo geral, a compreendiam apenas como um sistema de signos, uma ferramenta de comunicação, e um instrumento. Ainda que estas sejam algumas de suas funções, o filósofo considera a linguagem uma dimensão fundamental da experiência humana, enraizada no corpo e no mundo.

Neste ensaio pretendemos apresentar brevemente o modo como o filósofo compreende as noções de corpo e mundo percebido, para fundamentar o conceito de corpo fenomenal, e chegarmos ao mote deste trabalho: o gesto. Aqui partimos do princípio de que a primeira poesia é o corpo, e de que o gesto antecede a palavra. E é justamente por entendermos que a palavra vem depois da gestualidade e da expressão corporal, que encontramos nessa noção de corporeidade

¹ Graduada, Mestre e doutoranda em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: brunaretameiro@gmail.com

apresentada por Merleau-Ponty, a possibilidade de chegarmos a “ante palavra”, ao silêncio, ao cerne e a semente viva, da linguagem. Pois, limitar a linguagem àquilo que já está posto em palavra, é limitar também nosso mundo.

Esse anseio por compreender a palavra e a linguagem, não se limita a Merleau-Ponty e à filosofia. Neste ensaio, também apresentaremos brevemente, algumas considerações de Santo Agostinho, acerca do tema e, além disso, algumas “pinceladas” da escritora Clarice Lispector, a partir de algumas das reflexões feitas por ela, em sua obra *Água Viva*.

Para Merleau-Ponty, a linguagem não se basta em sua função de comunicar, e nem mesmo em sua função de expressar. Ela pode ser entendida, também, como um modo de ser no mundo. Essa perspectiva é ligada à noção de corpo próprio, ou corpo fenomenal, onde o corpo não é mais entendido apenas como um objeto no mundo, mas sim, como o meio que nos possibilita nos relacionar com o mundo e com o outro. A linguagem sobre a qual vislumbramos falar neste ensaio, pode ser entendida como uma extensão dessa corporeidade, como uma manifestação de nossa capacidade de habitar o mundo e dar sentido às coisas.

Corpo, mundo e linguagem

O conceito de linguagem, para Merleau-Ponty, transcende as visões tradicionais. Aqui, citaremos como exemplo de uma visão tradicional, a perspectiva de Santo Agostinho. O filósofo medieval apresenta uma noção de linguagem que poderia ser compreendida como um instrumento, ou um meio para o conhecimento. Para Santo Agostinho, a linguagem pode apontar verdades, mas não tem a capacidade de revelá-las diretamente, pois o aprendizado e a compreensão ocorrem no interior da alma, e a verdade última só poderia ser alcançada através da iluminação divina:

Até aqui chega o valor das palavras, das quais, porque quero atribuir-lhes muito, direi que apenas incitam a procurar as coisas, sem, porém, mostrá-las para que as conheçamos. No entanto, ensina-me algo quem apresentar, diante dos meus olhos ou um a um dos sentidos do corpo, ou também à própria mente, as coisas que quero conhecer. Com as palavras não aprendemos senão palavras; antes, o som e o ruído das palavras, porque se o que não

é sinal não pode ser palavra, não sei também como possa ser palavra aquilo que ouvi pronunciado como palavra enquanto não lhe conhecer o significado. Só depois de conhecer as coisas se consegue, portanto, o conhecimento completo das palavras; ao contrário, ouvindo somente palavras, não aprendemos sequer estas (Agostinho, 1979, p. 394).

Dessa forma, a linguagem não tem a capacidade de gerar o conhecimento nela mesma, ela apenas aponta na direção da verdade, mas somente Deus poderia revelar a verdade ao coração humano. Essa ideia enfatiza que a linguagem humana é insuficiente, e agrega valor ao caráter espiritual do conhecimento. Além disso, para Agostinho, a linguagem humana se limita, também, pelas possíveis ambiguidades e possibilidades de mal entendidos que ela carrega.

Como podemos observar, em Agostinho temos uma visão dualista entre corpo e alma, sendo esta, superior àquele. E, além disso, temos a ideia de uma verdade divina, que é transcendente, ou seja, não está no mundo. Diferente do pensamento de Agostinho, Merleau-Ponty nos apresenta uma noção de corporeidade que não separa corpo e alma, ou ainda, corpo e mente. Essa corporeidade pode ser entendida como uma consciência corpórea, ao ainda, como um corpo perceptivo, onde não há mais separação entre a razão e a sensação.

A partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, o corpo passa a ser descrito como uma consciência em movimento, ou ainda, como um corpo consciente. A corporeidade sob esse novo viés, passa a ser entendida como um fenômeno constituinte de sentido, uma abertura fundamental por meio da qual mantemos relações com o outro e com o mundo. Nosso corpo recebe, então, um caráter de “corpo fenomenal”, também chamado por Merleau-Ponty de “corpo próprio”. Segundo o filósofo,

[...] eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo. Portanto, nem suas variações nem seu invariante podem ser expressamente postos. Não contemplamos apenas as relações entre os segmentos de nosso corpo e as correlações entre o corpo visual e o corpo tátil: nós mesmos somos aquele que mantém em conjunto esses braços e essas pernas, aquele que ao mesmo tempo os vê e os toca. (Merleau-Ponty, 2006, p. 207-208).

Por intermédio deste corpo fenomenal, nos “unimos” ao mundo percebido. A vivência primordial do corpo o desvela como um ser que se comunica com o

mundo e com os outros, ou ainda, que está “com eles” e não “ao lado deles”. A ideia de um corpo que não se separa da razão, e que torna possível que eu seja visível para o outro e ele para mim, faz emergir a noção de inacabamento.

Este inacabamento rompe com a visão de um mundo que está “fora” de nós, ou seja, tira o mundo de uma visão puramente objetiva. O corpo está no mundo e não fora dele, há uma abertura imediata ao mundo pela própria percepção. A percepção, a partir da perspectiva de Merleau-Ponty, acontece dentro do exercício da redução fenomenológica. Merleau-Ponty inicia o prefácio da *Fenomenologia da Percepção* com uma pergunta: “o que é fenomenologia”? [...] “trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar” [...] (Merleau-Ponty, 2006, p. 03). Esse “método filosófico”, ou ainda, “movimento de pensamento” inaugurado por Husserl, tem como objetivo descrever aquilo que nos aparece, e não fazer uma interpretação.

Ao compreendermos o corpo e o mundo desta forma, podemos pensar a questão da linguagem sob esse novo viés, onde o mundo e o outro nos aparecem de modo genuíno, como se vistos pela primeira vez, sem as pré definições simbólicas, já instituídas pela cultura. É claro que em nosso cotidiano, essas pré definições são importantes, para que possamos nos comunicar uns com os outros, a partir de sentidos e significados comuns. Mas, quando nos permitimos o exercício da redução fenomenológica, somos capazes de criar novas formas de linguagem, ainda não nomeadas previamente, porque antes mesmo da significação da palavra, teremos o gesto.

O gesto antecede a palavra

“Quero como poder pegar com a mão a palavra” (Lispector, 1998, p. 12). Esta poderia ser uma frase de Merleau-Ponty, ao falar sobre a expressão e o gesto, mas é uma frase de Clarice Lispector, em seu livro *Água viva*. Nessa obra, Clarice Lispector assume o personagem de uma pintora, que anseia por “capturar” de alguma forma o que ela nomeia de “instante-já”. Essa personagem, porém, percebe que a pintura não é suficiente para expressar isso que ela procura. Com isso, a personagem decide se aventurar no mundo da escrita: “entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas,

madressilvas, cores e palavras – limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer” (Lispector, 1998, p.15).

A personagem da pintora, que durante toda a história “se esconde” sob o pronome “eu” e não recebe um nome, assim como Merleau-Ponty, traz à tona questões relacionadas à linguagem, ao pré-reflexivo, ao silêncio, a corporeidade, a temporalidade e a noção de ser no mundo:

É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então em teu corpo inteiro. Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora sinto a necessidade das palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada (Lispector, 1998, p. 10-11).

Ainda que *Água viva* seja uma escrita em prosa, pode-se dizer que nesta obra Clarice Lispector filosofa poeticamente. É possível perceber que a escritora anseia por uma linguagem ainda não dita, não conhecida por ela, que dê conta de expressar aquilo que a pintura parece já não dar conta. Clarice também traz fortemente a questão da corporeidade, como quando diz que é com o corpo todo que pinta, ou ainda, quando diz que “não se compreende música: ouve-se”.

Essa corporeidade que a escritora apresenta em alguns trechos de *Água viva* em muito se assemelha a noção de corpo fenomenal, da qual Merleau-Ponty nos fala. Um corpo que se comunica diretamente com o mundo e que se refaz a todo momento, que toca e é tocado, ao mesmo tempo, e que expressa, sem intervalo entre ação e pensamento. É esse movimento genuíno, expressado no gesto, ainda em silêncio, que possibilita uma linguagem criadora, e que expressa o não dito. Merleau-Ponty trata da questão da linguagem já na *Fenomenologia da Percepção*, quando traz a tona os conceitos de “fala falante” e “fala falada”:

Poderíamos distinguir entre uma *fala falante* e uma *fala falada*. A primeira é aquela em que a intenção significativa se encontra em estado nascente. Aqui, a existência polariza-se em um certo “sentido” que não pode ser definido por nenhum objeto natural; é para além do ser que ela procura alcançar-se e é por isso que ela cria a fala como apoio empírico de seu próprio não-ser. A fala é o excesso de nossa existência por sobre o ser natural. Mas o ato de expressão constitui um mundo linguístico e um mundo cultural,

ele faz voltar a cair no ser aquilo que tendia para além. Daí a fala falada que desfruta as significações disponíveis como a uma fortuna obtida. A partir dessas aquisições, tornam-se impossíveis outros atos de expressão autêntica – aqueles do escritor, do artista ou do filósofo (Merleau-Ponty, 2006, p. 266-267).

Ou seja, para o filósofo, a *fala falada* é aquela a que se refere ao conjunto de signos e significados de uma língua, ou cultura. Trata-se da nossa linguagem costumeira e cotidiana, que tem como principal função comunicar e informar. Já a *fala falante* é a que Merleau-Ponty considera como produtora de novos sentidos e significados, uma linguagem autêntica e criadora, geralmente acessada pelos artistas, escritores, ou ainda, pelas crianças em sua primeira fala.

Em *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, Merleau-Ponty retoma essas noções sobre a linguagem. Mas, desta vez, as nomeia como *linguagem empírica* e *linguagem criadora*. A linguagem advinda dos signos da cultura constitui o que Merleau-Ponty chama de linguagem empírica. Esta é uma linguagem comum e cotidiana, que tem como único propósito comunicar, ou seja, seria sinônima ao que Merleau-Ponty, em a *Fenomenologia da percepção* denominou como *fala falada*. Trata-se de- diz Merleau-Ponty- “como disse Mallarmé, a moeda gasta que colocam em silêncio na minha mão” (Merleau-Ponty, 2013, p. 67).

Apesar de a linguagem empírica ter um papel importante, não podemos esquecer que ela é uma construção simbólica e cultural, mas que há um “silêncio” anterior ao da constituição da linguagem falada, ou escrita, do qual sempre precisamos recordar, ou nossa vida se encerraria em falsas verdades que nada mais são do que construções.

A partir disso, poderia surgir o questionamento: se tanto a linguagem empírica, quanto a criadora, se constituem a partir do mesmo “fundo de silêncio”, onde está especificamente a diferença entre elas? A diferença está no fato de que a linguagem empírica não sabe que é uma construção, o que nos remete a uma falsa sensação de um mundo previamente constituído, acabado e fora de nós, em que apenas habitamos e interpretamos, sem espaço para a criação.

Já a segunda forma de linguagem se revela como criação, isto é, como um acontecimento, um inacabamento circunscrito ao “mundo originário”. Para Merleau-Ponty, a linguagem criadora não pode ser vista como uma verdade pré-

estabelecida, mas como arte, como movimento e inacabamento, ou ainda, como diz Clarice Lispector:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a (Lispector, 1998, 21-22).

Quando Clarice diz da “palavra pescando o que não é palavra”, é possível perceber um traço análogo à fenomenologia de Merleau-Ponty. O movimento de escrever um texto, usando as palavras que já temos em nosso vocabulário e contexto, mas abrindo espaço para que, novas palavras surjam, ou ainda, novos sentidos, evidencia essa “dança” entre a palavra e o silêncio, a palavra e a não palavra, que após morder a isca se incorpora no contexto.

E como “pescar” a não palavra? - Aqui, novamente, podemos citar Clarice: “estou entrando sorrateiramente em contato com uma realidade nova para mim que ainda não tem pensamentos correspondentes e muito menos ainda alguma palavra que signifique: é uma sensação atrás do pensamento” (Lispector, 1998, p.47). Como acessar esse silêncio? Merleau-Ponty nos dirá que “temos de considerar a palavra antes de ser pronunciada, o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la, sem o qual ela nada diria, ou ainda pôr a nu os fios de silêncio que nela se entremeiam” (Merleau-Ponty, 2013, p. 69).

Sendo assim, “se quisermos compreender a linguagem em sua operação de origem, teremos de fingir nunca ter falado, submetê-la a uma redução sem a qual ela nos escaparia mais uma vez, reconduzindo-nos àquilo que ela nos significa, *olhá-la* como os surdos olham aqueles que estão falando” (Merleau-Ponty, 2013, p. 69-70). Assim sendo, podemos compreender o gesto como uma forma primordial de comunicação, que antecede a palavra e se manifesta antes mesmo de nomearmos as coisas. Dessa forma, a palavra falada não é algo que transcende o corpo, mas sim algo que deriva do corpo e o prolonga no mundo.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *De Magistro*. Tradução: Ângelo Ricci, in: *Confissões; De Magistro = Do mestre/ Santo Agostinho* – 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*. In: *Maurice Merleau-Ponty O olho e o espírito*. Tradução: Paulo Neves e Maria E. Galvão G. Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

Submissão: 15. 12. 2024

/

Aceite: 18. 12. 2024